



METROPOLE

SSA-BA

Racismo no Atacado Barbárie no Varejo

13 MAI 2021

Tortura e morte de tio e
sobrinho evidenciam tribunal
de exceção em Salvador.
Militantes falam em racismo
envolvendo supermercado
Atakarejo
Págs. 4 a 6





Juliette e o novo jaBBBaculê

James Martins

Campeã da última edição do Big Brother Brasil, a paraibana Juliette cometeu outra proeza que, para mim, que não acompanhei o programa, é até mais importante que embolsar R\$ 1,5 milhão. Ao colocar a música “Deus Me Proteja”, de seu conterrâneo Chico César, espontaneamente nas paradas de sucesso, ela ajudou a comprovar que esse pessoal que dirige a indústria da música no Brasil é (com o perdão das palavras) um bando de caga goma. E o acontecimento em si nos obriga, nós que gostamos tanto de discutir BBB, a rediscutir a questão do chamado gosto popular. Sim, o gesto de Juliette e o resultado apresentado são a prova cabal de que um sem número de canções expulsas das programações das rádios, tevês e outros veículos pretensamente populares, só não são populares, só não são sucesso porque esbarram no veto desse (repito) bando de otários que tem uma ideia absolutamente tosca e mal informada a respeito da sensibilidade auditiva de nosso povo. Como diria o poeta Haroldo de Campos, “aquela música se não canta não é popular”. Mas, e o BBB taí de prova, basta botar pra cantar que a gente vê no que é que dá.

Cresci num Brasil em que músicas de vários tipos eram oferecidas às audiências dos veículos de massa. De Al-

ceu Valença a Menudos, de Raul Seixas a Djavan, de Kaoma a Nana Caymmi. Na verdade, devo minha formação, ainda que deficitária, a isso. Costumo até brincar dizendo que aprendi a ler vendo tevê quando tevê passava música. E não sou um caso isolado. Verdade maior é que a música popular brasileira, de Orlando Silva ao Olodum, é alta tecnologia, altíssima cultura de formação estética e cidadã. E não consta que o sistema quebrou ao misturar Chico Buarque e Paquitas ou por entregar a trilha sonora do Sítio do Pica Pau Amarelo a Dori. Nem que o povo mudava de estação por achar que a “Gita”, de Raul e Paulo Coelho, fosse cult demais. Pelo contrário, até hoje, graças a “Sampa”, o país é cheio de semi-letrados citando Décio Pignatari (“o avesso do avesso do avesso”) e Manuel Bandeira via Chiclete com Banana: “Seu corpo é tudo que brilha / A única ilha do oceano do meu desejo”.

Mas aí vieram os sabichões do business e decidiram, a pretexto de incrementar as vendas, não só tentar adivinhar, nivelando por baixo, mas também forjar o gosto popular à base do famigerado jabá. O resultado é o que temos agora, com um hit parade repetitivo, chato e previsível, e todos os artistas da música com alguma veleidade intelectual confi-

nados ao circuito, digamos, universitário e guetificado. E isso, segundo os gerentes da tragédia, porque o povo quer assim. Mentira. Juliette acabou com a farsa e provou por A + BBB que Chico César convive muito bem com grandes audiências e acabou de fazer sucesso, através dela, no Faustão, com uma música lançada em 2008 e que nunca tinha sido tocada antes no Domingão.

E como os sabidórios são teimosos, por ora resta aos compositores fazer lobby com os próximos brothers e sisters, para que eles cantem suas músicas no reality e furem o bloqueio dessa falsa realidade. Um tipo de JaBBBaculê! Afinal, quanta música maravilhosa nos tem sido sonogada anos a fio? E como a música sempre foi o oxigênio do sangue brasileiro, quanto isso nos tem feito mal em todos os níveis, do poético ao político? Deus nos proteja de nós! E deles.



reproducao



Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor **André Uzêda**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Adele Robichez, Christina Miranda, Gabriel Amorim, Geovana Oliveira, Juliana Rodrigues, Stephanie Suerdieck**

Revisão **André Uzêda e Redação**
Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226Pernambúes CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

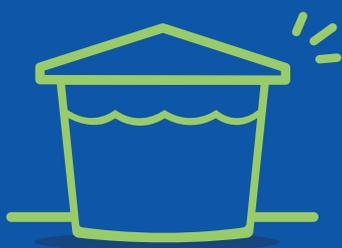
Salvador unida contra a dengue, a zika e a chikungunya.



Coloque
terra nos
pratos
de planta.



Faça
a manutenção
da piscina.



Cubra
reservatórios.



Use inseticidas,
repelentes e
mosquiteiros.



Descarte
pneus, copos
e garrafas.



Não deixe
a água
acumular.

Salvador deu um belo exemplo de coletividade se unindo para combater o coronavírus e salvar vidas. Agora temos mais um grande desafio: **combater o mosquito transmissor da dengue, da zika e da chikungunya**. A colaboração de todos é fundamental: convoque sua família, amigos, vizinhos e colegas de trabalho para essa nova missão. **Juntos, ficamos mais fortes para vencer qualquer desafio.**



SALVADOR
PREFEITURA
PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL

A carne mais barata do mercado é a carne negra

Mãe e avó das vítimas reconhece furto, mas conclamava tribunal justo; Ativistas falam em racismo



Bruno e Yan, tio e sobrinho, em foto tirada após serem flagrados roubando carne no supermercado Atakadão Atakarejo

Texto **Gabriel Amorim**
gabriel.amorim@radiometropole.com.br

Aos 56 anos, dona Dionésia Barros é, antes de tudo, uma mãe. Teve três filhos 'de barriga', mas criou muitos mais. Um de seus bebês morreu ainda na maternidade. Agora, anos depois, Dionésia enfrenta a dor de enterrar mais duas de suas crias. Mãe de Bruno Barros, de 29 anos, ela tinha em Yan, 19, neto de sangue, outro filho.

Bruno e Yan foram torturados e assassinados no dia 26 de abril, em crime que envolve o supermercado Atakadão Atakarejo, no bairro de Amaralina.

Com a voz embargada, a cozinheira conversou com o **Jornal da Metrópole**, sem esconder a dor e o luto pela morte dos jovens. "Agora não consigo mais sair na janela da minha casa. Era lá que ele tinha sentado. Eu



Vídeo mostra tio e sobrinho sendo agredidos dentro do supermercado

ofereci para ele pegar comida... Ele pegou só uma bolacha recheada e sentou ali, perto da janela”, diz ao lembrar do último contato que teve com Yan, na véspera do assassinato.

Horas antes do crime, os jovens foram pegos furtando carne no supermercado. Bruno tinha passagem pela polícia.

A família sustenta a versão que eles foram entregues pelos seguranças do Atakarejo aos traficantes, que organizaram um tribunal de exceção para julgá-los e condená-los à morte.

RACISMO

A polícia conseguiu prender três seguranças do Atakarejo e cinco traficantes que atuam no bairro onde o

crime aconteceu. Um outro segurança, que também teria participado do ato, está foragido.

O supermercado se pronunciou quase duas semanas depois e se limitou a dizer “que repudia o fato ocorrido e manifesta total solidariedade às famílias das vítimas”.

Na mesma nota, a rede de supermercados informou ter aberto uma sindicância interna para apurar o caso. “Me disseram que eles estavam dizendo na televisão que estão dando suporte à família. Qual suporte? Suporte para destruir nossa família? Sou viúva, agora perdi meus dois filhos”, diz dona Dionésia.

Líderes do movimento negro culpabilizam o estabelecimento pelo cri-

me e falam abertamente em racismo na condução do caso.

“Não é a primeira vez que esse supermercado traz essa prática. Isso é algo sintomático na nossa sociedade”, diz Eldon Neves, presidente estadual da Unegro na Bahia.

Emocionada e lúcida, dona Dionésia reconhece o crime cometido pelo filho e pelo neto. Ela, no entanto, protesta contra uma punição fora da lei, sem opção de um julgamento nos limites de um mundo civilizado, longe do domínio da barbárie. “Eles iam pagar pelo erro deles, mas estariam vivos. Porque é preto, vem da favela, é ladrão... Meu filho tomou cinquenta tiros no rosto. Eu não pude ver meu filho nem no caixão pela última vez”, diz.



reproducao



reproducao

Bruno foi torturado pelo roubo de carne no supermercado em Amaralina

Traficantes foram chamados no mercado

Duas semanas depois do crime, oito pessoas foram presas pelo Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP). Cinco traficantes e três seguranças do Atakarejo foram detidos com suspeita de envolvimento no crime.

A delegada responsável pelo caso, Andréa Ribeiro, disse, em entrevista ao **Jornal da Metrópole**, que a polícia teve acesso a vídeos que mostram traficantes sendo chamados a acessar as dependências do Atakarejo “E isso foi tratado como algo natural. Como se eles pudessem ser chamados para resolver alguma questão no estabelecimento”, diz a delegada.

O secretário da Segurança Pública da Bahia, Ricardo Mandarino, criticou o estabelecimento e a postura adotada pelos seguranças. “Os únicos chamados foram feitos pelas próprias vítimas. O Atakarejo tinha o dever de comunicar a situação à polícia. Não vamos admitir que poderes paralelos atuem na sociedade. É uma mentalidade horrível que se instalou, de que bandido bom é bandido morto”.

Segundo a delegada responsável, os próximos passos envolvem resultados

de perícias a serem realizadas em aparelhos eletrônicos apreendidos durante as prisões. “Os três seguranças que prendemos e mais um que está foragido são pessoas que identificamos que participaram diretamente da ação. Agora precisamos saber se teve mais gente envolvida que ordenou ou sabia o que foi feito”, avisa.

O Atakarejo tinha o dever de comunicar à polícia. Não vamos admitir poderes paralelos

Ricardo Mandarino
SECRETÁRIO DA
SEGURANÇA PÚBLICA



Deputados acompanham caso na Assembleia

A repercussão do 'Caso Atakarejo' refletiu em ações da Assembleia Legislativa da Bahia. Por meio da Comissão de Direitos Humanos, os deputados solicitaram a condução das investigações por uma delegada especial.

O grupo ainda recebeu as famílias das vítimas. "É inédito que uma grande rede de supermercados tenha associação com o tráfico. Cria um tribunal da morte. Duas vidas que valerem R\$ 700. Que esquema de segurança é esse que, em vez de ligar para a polícia, liga para o tráfico de drogas?", disse à reportagem, o deputado Jacó

(PT), presidente da comissão.

Também integrante, a deputada Olívia Santana (PCdoB), chegou a criticar a postura do estabelecimento. "O Atakarejo, depois de mais de uma semana, resolveu colocar uma nota pública se solidarizando com a perda da família e se defendendo. Foi a repercussão do caso que motivou a atitude, que deveria ter sido a primeira ação", disse a deputada.

A comissão acompanha de perto as investigações do caso. "Não podemos achar que se resolve só com a prisão dos executores diretos", aponta Olívia.

Movimento Negro culpa mercado

A morte dos dois jovens negros e o posicionamento tardio do Atakarejo reflete, no olhar de representantes do movimento negro, um padrão que escancara o racismo da sociedade brasileira.

"O Atakadão Atakarejo é o culpado por reverberar o racismo e por deliberar, inclusive, que os tribunais de rua, os tribunais paralelos, sejam fortalecidos", opina Eldon Neves, presidente estadual da Unegro na Bahia.

Militantes do movimento negro acompanham o caso desde que as mortes de Bruno e Yan se tornaram públicas. Até aqui, protestos em três unidades da rede Atakarejo já aconteceram.

Uma nova ação de abrangência nacional está prevista para esta quinta-feira.

CIDADE



METROPOLE



Integrantes do Movimento Negro ocuparam o supermercado para protestar contra a morte de Bruno e Yan



Manifestante ocupa frente do supermercado no bairro de Amaralina

Atakarejo não responde

Depois da operação policial ter prendido três seguranças do Atakarejo, entre os oito suspeitos de envolvimento no crime, o **Jornal da Metrópole** enviou perguntas à assessoria de imprensa do estabelecimento.

Em nota, a rede apenas disse que "não comenta decisões judiciais e vai continuar colaborando com as autoridades competentes para que o fato policial seja esclarecido o mais rapidamente possível".

O texto, no entanto, não responde às perguntas enviadas, entre elas: 1) qual é a empresa de segurança que trabalha na rede? 2) quando tempo de contrato? 3) houve algum aumento no contrato depois do ocorrido?

Também foi questionado sobre um suposto envolvimento da rede com o tráfico e a informação de que imagens mostram traficantes circulando dentro do supermercado.

Pobreza menstrual tira jovens da escola

Meninas e mulheres negras são as mais afetadas por este silencioso problema. Absorvente ainda é visto como artigo de cosmético e não item de higiene

Texto Stephanie Suerdieck

stephanie.suerdieck@radiometropole.com.br

Cerca de 30 milhões de mulheres menstruam no Brasil. Dessas, uma a cada quatro faltou a aula por não ter acesso ao absorvente. Esses dados alertam para um grande e silencioso problema que atinge o país, sendo alarmante também aqui na Bahia: a pobreza menstrual.

Os dados são da ONG Girl Up, associada à ONU. O grupo também contabiliza que, em todo o país, 1,5 milhão de brasileiras vivem em residências sem banheiros. Os números chocam ainda mais quando aprofundados: 65% destas são negras, o que evidencia a grande desigualdade social e racial no recorte deste tema.

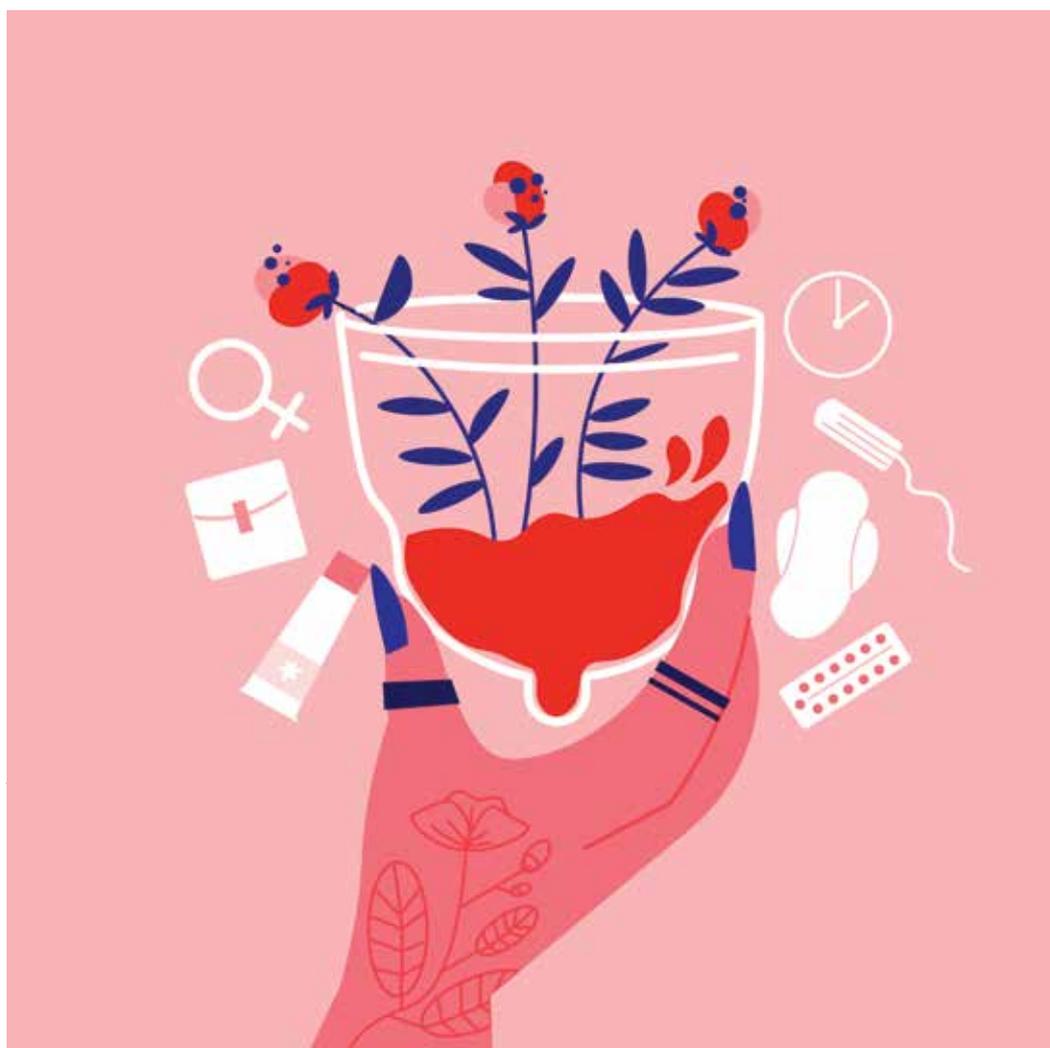
“A pobreza menstrual é muito mais complexa. A saúde menstrual faz parte do direito à saúde, que é de todos. Precisamos garantir a dignidade menstrual a milhares de brasileiras”, destaca Júlia Alkmim, representante do Clube Roda Baiana da Girl Up, em Salvador.

É COSMÉTICO?

No Brasil, a média de preço que se gasta com absorvente a cada ciclo menstrual (que dura cerca de cinco dias, todo mês) é R\$ 12.

Na outra ponta temos a renda média baiana (R\$ 965), abaixo do valor do salário mínimo (R\$ 1.100). Ou seja, um simples pacote de absorvente se torna um artigo de luxo para muitas meninas e mulheres de baixa renda.

“O absorvente aqui no Brasil não é considerado um item de higiene. Ele é tido como um cosmético e, por isso, tem elevados impostos e é muito caro. Para piorar, não existiu nenhuma política brasileira,



Um simples pacote de absorvente se torna um artigo de luxo para muitas meninas de baixa renda

pelo menos até 2020, contra a pobreza menstrual. Agora que estamos lutando, de forma conjunta, para aprovar Projetos de Lei voltados para o problema em todos os estados”, diz Júlia.

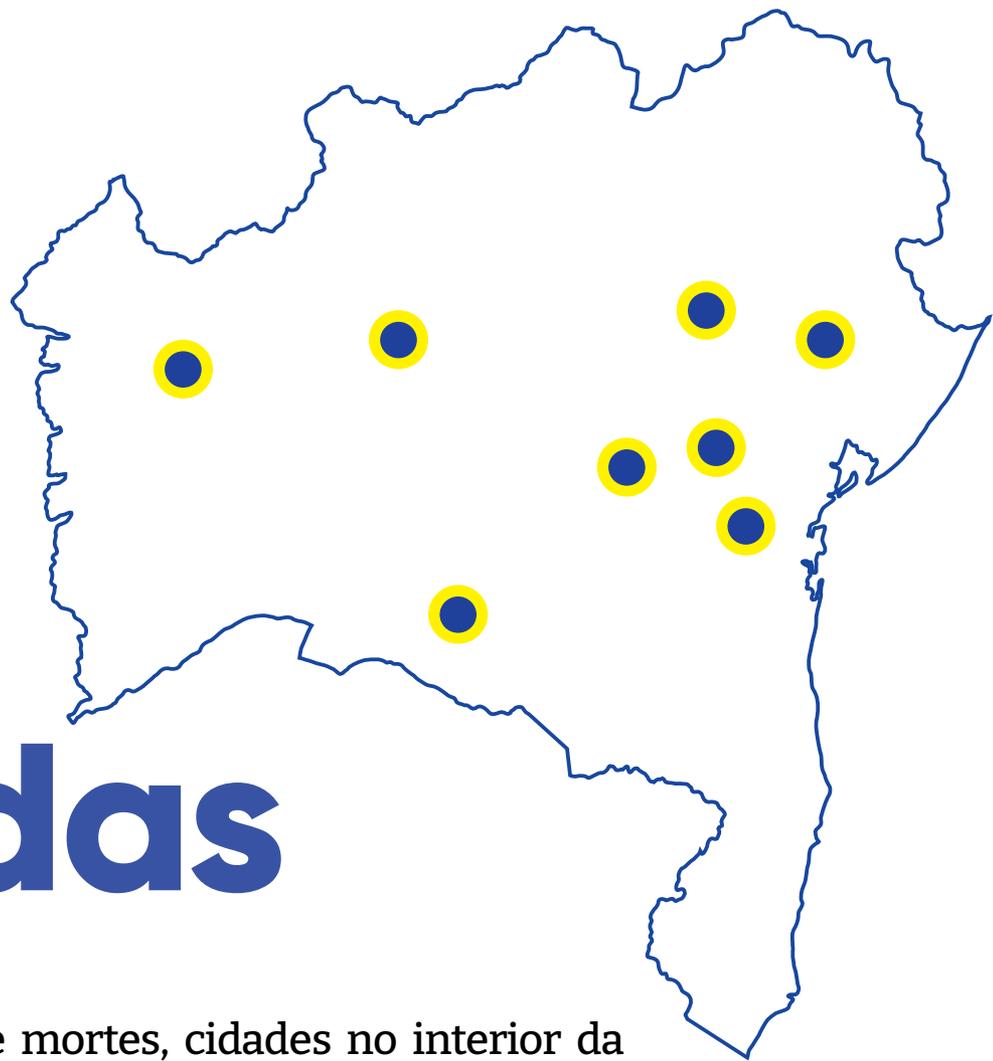
Ela já contabiliza aprovações no Rio de Janeiro e no Distrito Federal. E tenta avançar em outros dez estados, entre eles, a Bahia.

Por meio da campanha ‘Bahia Livre para Menstruar’, as representantes da Girl Up organizaram um abaixo-assinado virtual para pressionar deputados a pautarem o projeto de lei na assembleia baiana.



As

protegidas



Contrariando aumento de número de mortes, cidades no interior da Bahia possuem apenas um óbito registrado em 14 meses de pandemia

Texto **Juliana Rodrigues**

juliana.rodrigues@metro1.com.br

Em um cenário de números assustadores e mortes acumuladas, oito cidades no interior da Bahia se distinguem justamente pela contagem espaçada. Em 14 meses de pandemia, estes municípios registraram apenas um óbito relacionado à covid-19.

Embora localizadas em diferentes regiões do estado, Anguera, Brotas de Macaúbas, Catolândia, Cravolândia, Gavião, Ibiassucê, Irajuba e Lajedinho apresentam esse baixo índice em comum.

Outra característica compartilhada: estes municípios atravessaram todo o ano de 2020 sem registrar mortes associadas à doença. Os primeiros óbitos só ocorreram entre janeiro e abril deste ano. Os dados constam na base da Secretaria de Saúde do Estado (Sesab)

Segundo a diretora de Vigilância Epidemiológica da pasta, Márcia São Pedro, alguns pontos ajudam a explicar esse baixíssimo índice de mortes. Um deles é o porte das cidades. Todas elas têm menos de 12 mil habitantes.

Entre os oito municípios, inclusive, está Catolândia, o menos populoso da Bahia, com 3.599 habitantes, de acordo com o IBGE. “Isso também pode ter a ver

com o número de casos que foram confirmados, que é pequeno, embora o coeficiente de incidência seja alto. O isolamento e as medidas restritivas também influenciam”, afirma.

SEM SUBNOTIFICAÇÃO

Na análise de Márcia, é improvável que os baixos índices de mortes sejam relacionados à subnotificação. “São municípios pequenos. Quando identificam os casos, eles notificam e avisam. É diferente do que ocorre nas grandes cidades”, pontua.

Nenhum dos oito municípios dispõe de leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI), o que faz com que os pacientes em estado grave precisem ser deslocados para as chamadas cidades-polo do interior, que dispõem de maior estrutura.

Alguns deles sequer possuem hospitais. É o caso de Lajedinho, na Chapada Diamantina, primeira das oito cidades a confirmar um óbito neste ano.

“Nós temos hoje apenas um centro de referência para síndromes gripais e Covid-19.”, diz a secretária de Saúde do município, Ana Maria Sena.

Vítima era idoso 'celebridade'

A titular da pasta conta que a única vítima da Covid-19 em Lajedinho levou consigo parte da memória do município, fundado em 1962.

José Quintino dos Santos morreu no dia 7 de janeiro, aos 99 anos. Era uma espécie de celebridade local. “Ele era a pessoa mais velha da sede do município. Parece que a família fez uma festa de aniversário para ele, e possivelmente alguém que estava assintomático transmitiu o vírus. Foi uma tristeza para a gente”, diz.

Assim como no município da Chapada Diamantina, quase todas as oito cidades tiveram idosos como vítimas. A exceção é Irajuba, cujo único óbito foi de um homem de 29 anos, morto em janeiro.

Com a vacinação avançando entre os idosos, o grande desafio passa a ser a conscientização dos jovens para evitar novas mortes, avalia a secretária: “Infelizmente a juventude não acredita muito. Estamos incentivando as pessoas a não ficar sem máscara, mas são resistentes”, diz.



**ENQUANTO A VACINA NÃO CHEGA AOS BRAÇOS DE TODOS,
CONTINUE ABRAÇANDO TODOS OS CUIDADOS!**

**SIGA OS PROTOCOLOS
DE PREVENÇÃO
À COVID-19**



**USE MÁSCARA
EVITE AGLOMERAÇÕES
HIGIENIZE SEMPRE AS MÃOS**

Nós somos Salvador! Em tempos difíceis, resistimos. Nascemos cidade-fortaleza. Sobre nós, sopra agora uma brisa morna e leve: a esperança. Ela vem chegando de mãos dadas com o amor, que também não larga mão da proteção. De braços dados com a fé, a força e o trabalho de cada soteropolitano. Trazendo nossa alegria, nosso ritmo, nosso sorriso, nossa vida de volta. Mas enquanto a vacinação não conseguir imunizar toda a população temos que continuar seguindo os protocolos de saúde e prevenção à Covid-19.



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SALVADOR**

O futuro da cidade passa por aqui.



Retroescavadeiras, cloroquina e outras drogas

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metrôpole



MICK JAGGER

A pandemia fez com as mazelas do Brasil o que o luminol faz nos cenários de crimes. Acendeu as cores do sangue e da morte que estavam turvas. Todas as palavras e hipérboles se tornaram frágeis e inconsistentes para descrever um país que empilha, ao mesmo tempo, mortos por vírus, mortos por tiros e mortos por fome, e antecipa a morte do futuro ao inviabilizar o funcionamento das universidades e ignorar a agonia da escola pública.

Na última quarta-feira, 12 de maio, telejornais amanheceram noticiando o iminente fechamento da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por falta de recursos para despesas básicas, como o pagamento das contas de água, de energia elétrica e a manutenção dos serviços de limpeza. Disputando espaço nas manchetes com mortos por Covid-19, troca de tiros, pandemia e CPI, estão agora tratores e retroescavadeiras, superfaturados, adquiridos com dinheiro público, como foi denunciado pelo jornal O Estado de S. Paulo, no esquema batizado de 'tratoração'. No Brasil em que falta dinheiro para a realização do Censo do IBGE e onde universidades federais centenárias correm o risco de fecharem as portas porque o corte de recursos inviabiliza até a descarga dos sanitários e a manutenção das luzes acesas, a Presidência da República reservou mais de R\$ 3 bilhões para parlamentares desembarcarem na intimidade do apoio ao presidente. Está tudo

comprovado em um planilhão do governo, numa prova de que mudam-se os nomes, mas cada governo tem e precisa de um mensalão para chamar de seu. O nome 'tratoração' é só mais um verbebo do dicionário da história ininterrupta da corrupção brasileira, o mais novinho. Para deixar boa parte do Congresso Nacional mais feliz e alugar o centrão, os bilhões que faltaram para a realização do Censo, para o custeio das universidades, para a concessão de auxílio emergencial e para a compra de doses de vacina, sobram para pagar R\$ 360 mil por cada trator que, para a iniciativa privada, é vendido por, no máximo, R\$ 100 mil.

Embora os parlamentares com nomes no planilhão neguem o que as anotações do próprio governo confirmam, os bilhões do 'tratoração' foram aportados para adubar o apoio às candidaturas de Rodrigo Pacheco à presidência do Senado e de Arthur Lira à presidência da Câmara, ambos eleitos com o apoio do presidente Jair Bolsonaro. Com a entrada em cena da CPI da Covid, são pequenas as chances de os opositores do presidente emplacarem outra para investigar tantos tratores e tantas retroescavadeiras. Os veículos superfaturados foram usados para dragar bilhões públicos usando como escudo a Codevasf, a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco. Curiosamente, a maioria dos parlamentares beneficiados com milhões no planilhão nunca teve um voto nas bandas do rio São Francisco.

Se os apoiadores do governo já não digerm o jornalismo por publicizar todos os dias o número de mortos da pandemia, agora têm que lidar com dados desagradáveis expostos na mesa principal da CPI do Senado. Como ninguém é inocente no Planalto Central, o relator da CPI e raposa de pelo mais espesso do Senado, Renan Calheiros, agora recebe as testemunhas da comissão com uma placa destacando o número de mortes, atualizado dia a dia. E vejamos aonde chegamos: a CPI nos contou que o governo brasileiro só se dignou a procurar onde havia esquecido uma carta institucional da Pfizer, multidendereçada e enviada em setembro de 2020, oferecendo vacinas, porque uma celebridade entreviu para fazer lobby.

O dono da Rede TV, Marcelo Carvalho, o famoso padrasto do filho de Mick Jagger, interveio, pedindo a Fábio Wajngarten, a pedido de um dos CEOs da Pfizer, casado com uma apresentadora da emissora de TV, para interceder junto ao presidente. Aí foi um Deus nos acuda para achar e responder a carta. Agora, vejamos se um país que funciona assim tem como dar errado. Talvez o azar da cloroquina e das outras drogas do kit tratamento precoce esteja no mero detalhe de nenhum manager das fabricantes ter escolhido como esposa uma apresentadora de TV brasileira. Assim fosse, as chances de o tratamento ganhar o selo de eficaz talvez fossem maiores.



Problema patente

Especialistas criticam governo brasileiro por não apoiar quebra de franquias das vacinas; autor do projeto no Senado fala em “produção em larga escala”

Texto Adele Robichez

adele.robichez@metro1.com.br

Em decisão histórica, os Estados Unidos apoiaram uma medida que é vista por muitos especialistas como uma forma de pôr fim à pandemia de maneira mais célere. A quebra das patentes das vacinas, a pedido da Índia e da África do Sul, tem sido discutida desde outubro de 2020 na Organização Mundial do Comércio (OMC).

Agora, com o apoio do governo de Joe Biden, a iniciativa ganha mais força. Se confirmada a quebra, os imunizantes podem ser comercializados para todos os países do mundo a um preço mais acessível. No entanto, para que isto aconteça, a decisão precisa ser unânime. No momento, cerca de 100 países, incluindo o Brasil, ainda não aderiram à ideia.

Apesar da decisão ser benéfica ao país - que não participou do desenvolvimento de nenhuma das vacinas ativas neste momento -, o governo federal, até então, tem se posicionado contrário à liberação dos direitos comerciais das gigantes far-

macêuticas. Para a professora e gestora do escritório de Relações Internacionais, Samia de Brito Franco, a atitude é incompreensível. “O Brasil tem uma tradição de apoiar esse tipo de ação na OMC, como foi com a Aids”, diz.

Para o psiquiatra franco-brasileiro Carlos Parada, os governantes brasileiros repetem a alegação utilizada pelos laboratórios, a quem não interessa a flexibilização das regras legais. “O Brasil vota contra com argumentos dúbios que não têm fundamentos, como se fosse um dos países ricos, que tem algo a ganhar com as patentes”, afirmou.

VITÓRIA NO SENADO

Um projeto de lei apresentado pelo senador Paulo Paim (PT-RS), com relatoria do senador Nelsinho Trad (PSD/MS), trouxe a discussão para o Congresso brasileiro. “Será possível a produção dos imuni-

zantes em larga escala aqui no Brasil”, disse Paim, ao **Jornal da Metrópole**.

O senador gaúcho resalta que o projeto, aprovado no Senado, traz benefícios para a imagem do país, desgastada no exterior. “Repercuta a nível internacional que, no Brasil, apesar do governo, o Senado se posicionou por 55 votos contra 19, favorável à quebra de patentes”.

A vitória no Senado, antes de um consenso na OMC, não é um risco, na avaliação do professor de Direito da Saúde da Universidade de São Paulo (USP), Fernando Aith.

“A indústria late, mas não morde”, diz, antes de completar: “Temos um mercado consumidor grande e nenhuma indústria deixaria de nos vender por conta disso. O Brasil sempre foi muito comedido no uso das flexibilidades do Trips [Acordo sobre Aspectos dos Direitos de Propriedade Intelectual Relacionados ao Comércio]”, explica o professor.

País é referência em remédios da Aids

O Brasil é um dos poucos países do mundo que possui um programa de acesso universal ao tratamento das pessoas que vivem com Aids, doença crônica causada pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV). Isso pôde acontecer graças à quebra da patente dos medicamentos de combate à doença realizada pelo Brasil em 2001, oferecidos gratuitamente desde 1996, através do Sistema Único de Saúde (SUS).

Na ocasião, o custo do Nelfinavir, usado por cerca de 25% dos pacientes com Aids, teve uma redução de custo de aproximadamente 40%, sendo produzido pela Fiocruz. Milhares de vidas foram salvas. Esse é um dos fundamentos de quem defende a quebra das patentes das vacinas contra o coronavírus. “A lógica é muito parecida. O exemplo da Aids mostra que já existiam precedentes, o que pedimos hoje não é absurdo”, diz Parada.



divulgacao/ministerio da saude

INTERNACIONAL



METROPOLE

Uma década da união homoafetiva



No dia 5 de maio de 2011, o STF autorizou a união estável entre casais do mesmo sexo. O **Jornal da Metropole** ouviu o primeiro casal gay a registrar um filho no Nordeste

A psicóloga Érica Matos e a arquiteta Milena Santana vivem em uma união estável desde 2008. Isto é, antes de o Supremo Tribunal Federal (STF) autorizar, em maio de 2011, a união estável para casais homoafetivos. Nos 10 anos da decisão do STF, a repórter Geovana Oliveira ouviu Érica, que contou sobre a história do casal, o primeiro do Nordeste a registrar um filho com o nome de duas mães.

MINHA VIDA

Eu sei que é tudo mais difícil. A gente começou em 1998, eu estava com 23 anos e ela com 18. Hoje, temos 23 anos juntas. Na época, vivíamos um desafio muito grande, que era a não aceitação da própria família. Então, além da paixão e de a gente se apaixonar, precisávamos nos fortalecer. Construir a nossa família foi uma forma que encontramos de fazer isso. Começamos a morar juntas com um ano de namoro e, em 2007, tivemos o Luca. Foi depois que eu pari, esse filho que era fruto de duas mães (sem figura paterna por escolha nossa), que passei a me preocupar com a parte do direito. Nesse momento, já tínhamos uma união estável na prática, e

ela precisava ser oficializada.

Entramos na justiça para fazer uma escritura de convivência afetiva. Na data, entre 2007 e 2008, estavam apenas começando a reconhecer essa ação na justiça. Como aqui em Salvador os cartórios não aceitavam a escritura, fomos para São Paulo. A gente estava na vanguarda mesmo. Precisamos pagar R\$ 10 mil para que Luca tivesse certidão, isso há 14 anos, para não ficarmos desprotegidas. Hoje, por mérito de muita luta, você pode consolidar sua família, fazer a união estável, e ser reconhecida, da forma que ela for. Pode ter duas mães e um pai, três pais, até quatro — hoje é legitimado, porque cada família é única. Eu penso que tudo pode ser possível na medida que você não prejudique o outro.

Luca tem, hoje, 14 anos e é super bem plantado. Quando ele tinha seis anos, ouvimos um amiguinho questionando se ele não sentia falta do pai para ser o companheiro, para brincar, para jogar bola. Aí ele respondeu: “Minha Dai (como chama Milena) faz tudo isso comigo”. Ali foi maravilhoso a gente escutar o diálogo dele, que já era ele e o mundo. Então, a gente respirava aliviada. A gente está fazendo um bom trabalho, ele já está se virando.



A arquiteta Milena Santana e a psicóloga Érica Matos, ao lado do filho Lucas

Responsável Técnico:
Dra. Silvana Rocha
CROBA - 14011

CURSOS DE REFERÊNCIA

para você!

INSCRIÇÕES ABERTAS
srcursos.com.br
 71 9 9684 - 9438

Curso
VIP

Sobra amor, falta lei

Mesmo depois de dez anos da decisão histórica do STF, Brasil ainda não tem uma legislação que regule adoção de filhos por casais homoafetivos

Texto **Christina Miranda**

chistina.miranda@radiometropole.com.br

Imaginar uma família com dois pais ou duas mães, com os nomes na certidão, tudo reconhecido, jurado e sacramentado, já foi um sonho distante.

“Muitos promotores davam pareceres contrários, ainda tinha a má vontade de juízes, alguns indeferiam os pedidos de adoção de casais homoafetivos”, conta Fernanda Barreto, advogada e professora de Direito Civil.

Os pretextos eram muitos. A maioria de ordem moral: ausência de referência masculina e paterna no caso da adoção por casais lésbicos ou a falta, no caso oposto, de um exemplo feminino. O mundo, afinal, mudou. A pergunta insistente ainda persegue quem quer adotar: posso ou não, sendo um casal LGBT?

No Brasil, não existe lei regulamentando a adoção por casais homoafetivos, mas também nada proibindo. Com a decisão histórica do Supremo Tribunal Federal, em maio de 2011, reconhecendo a união estável entre pessoas do mesmo gênero, o que afligia tantos casais homoafetivos foi ficando pra trás: a invisibilidade. O Direito, enfim, cedeu.

A adoção monoparental, quando crianças ou adolescentes são adotadas por uma única pessoa, muito comum lá pelos idos dos anos 1990, deixou de ser o disfarce de quem entrava na disputa e era homossexual.

“Não há diferença entre um casal homo ou hétero. Vai entrar na Vara da Infância e Juventude, pedir pra se habilitar, será exigido

da uma série de documentos, participação em grupos de preparação, entrevistas... O juiz sentencia e o casal habilitado entra na fila de adoção”, reforça Fernanda, antes de completar: “se houver diferença é discriminação.”

“EXISTE AMOR”

O primeiro país a adotar a união civil para casais do mesmo sexo foi a Dinamarca. O ano era 1989. Hoje, os direitos chegaram a maior parte dos países nas Américas e na Europa. No continente africano, só a África do Sul permite uniões civis homoafetivas.

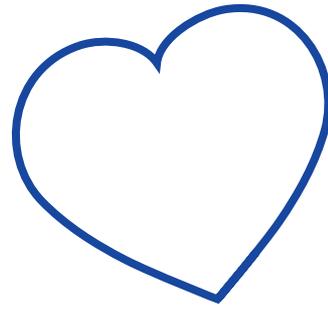
Por aqui, a batalha ainda é árdua. “Os direitos que nos amparam ainda são ex-

tremamente frágeis, porque decorrem de decisões jurídicas e não de uma lei específica”, diz Roberto Ney de Araújo, ex-presidente da Comissão da Diversidade Sexual de Gênero da OAB Bahia.

Vale sempre lembrar: família é a união de pessoas ligadas pelo afeto. Está lá na Constituição Federal e nos muitos exemplos mundo afora, como o deixado pelo ator Paulo Gustavo, morto semana passada por complicações da Covid-19. Casado com Thales, deixou dois filhos, Gael e Romeu, e uma lição sobre como o amor é mesmo poderoso: “Muitas vezes, a gente foi taxado como que não poderia ter uma família, não ter filhos. Não existe isso. Existe amor”



Paulo Gustavo na praia com marido Thales e os dois filhos: Gael e Romeu. Ator morreu pelas complicações da Covid-19





reprodução

ENTREVISTA

Rodrigo Maia

DEPUTADO FEDERAL - RJ

O ex-presidente da Câmara, Rodrigo Maia, diz que não tem “mágoas” do seu ex-correligionário e amigo, ACM Neto. No entanto, em entrevista à **Rádio Metrópole**, por diversas vezes, alfinetou o presidente nacional do Democratas. “ACM Neto achou que ia enganar a todos e fez acordo com o Planalto. Ele fez tudo pelas minhas costas. Quem acompanhou o processo sabe que ele traiu. Ele desmontou nosso bloco por dentro”, disse.

Os dois se tornaram desafetos depois da eleição na Câmara dos Deputados, em fevereiro deste ano, quando o DEM deixou de apoiar Baleia Rossi (MDB), candidato de Maia. O desembarque foi decisivo para vitória de Arthur Lira (PP), aliado de Jair Bolsonaro (sem partido).

“Ele [ACM Neto] é um político que só olha o próprio umbigo. É pouco afeito a questões ideológicas”, disse o deputado carioca.

VICE DE BOLSONARO

Na entrevista, Maia também projetou um cenário político para 2022. Em sua análise, ACM Neto concorre como vice-presidente na chapa de Bolsonaro.

“É como vejo a construção do Democratas nesse momento, muito próximo do Planalto. E se minha análise estiver certa, João Roma é candidato a governador da Bahia”, pontua.

FAKE NEWS

As declarações irritaram ACM Neto, que classificou as falas de Maia como “fake news”.

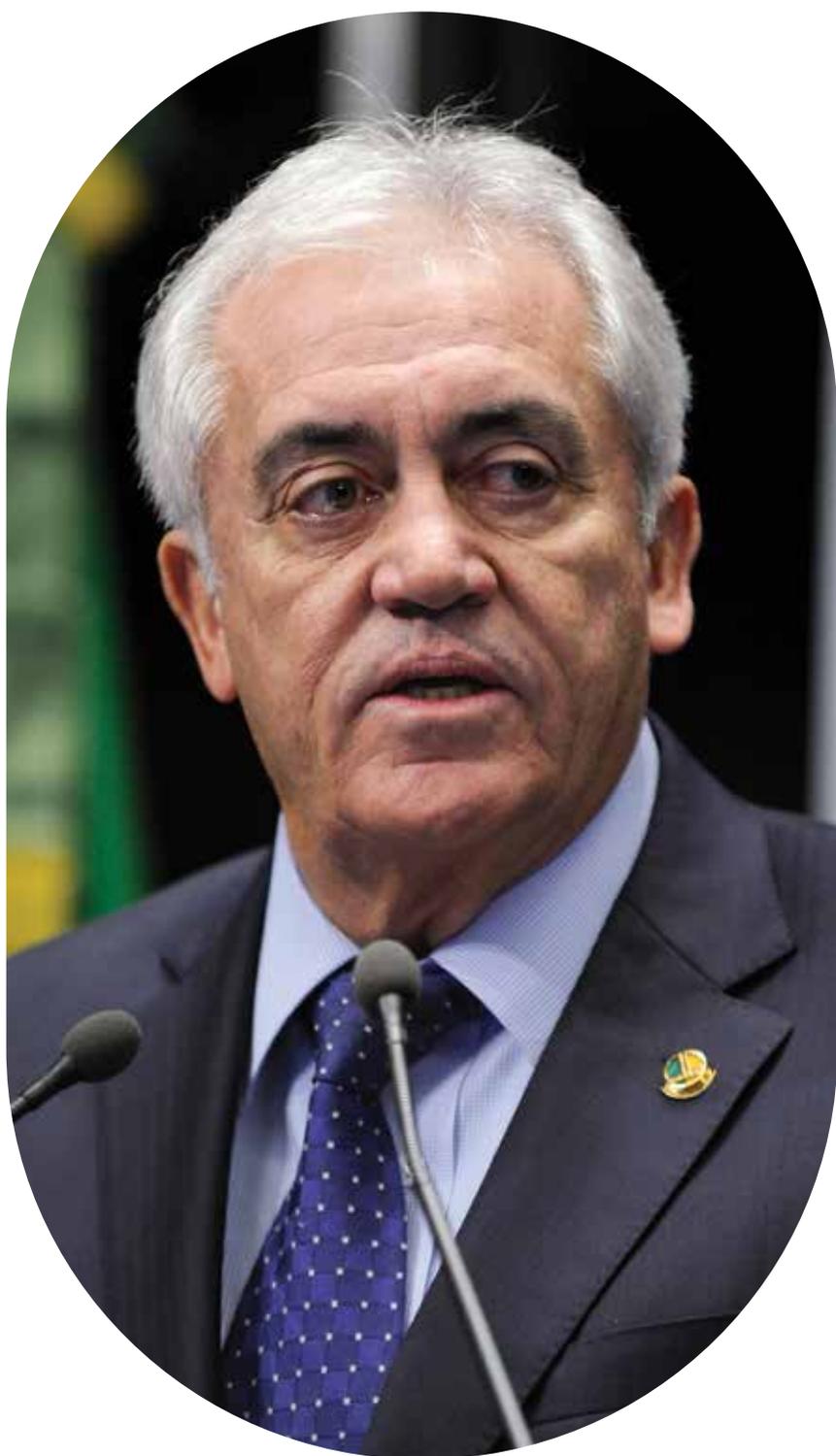
“Todos sabem que o meu desejo é disputar o governo do estado. Ainda não me coloco como pré-candidato, pois o momento é de tratarmos do enfrentamento à pandemia, mas esse é o único projeto, conforme já disse publicamente em diversas ocasiões”, bradou.

ACM Neto achou que ia enganar a todos e fez acordo com o Planalto. Ele fez tudo pelas minhas costas

ENTREVISTA

Otto Alencar

SENADOR - BA



Participante ativo da CPI da Covid, o senador Otto Alencar (PSD) usou uma frase bíblica para sugerir que o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) e o Ministro da Economia, Paulo Guedes, parem de falar “bobagens”.

“Quem sua língua na boca segura, sua alma livre de angústia”, disse o senador.

A sugestão foi feita durante entrevista a Mário Kertész, na **Rádio Metrópole**. No começo da conversa, Otto explicou ainda a ironia que dirigiu ao senador Luiz Carlos Heinze (PP-RS), quando sugeriu ao gaúcho, durante a CPI, que deveria usar vacina antirrábica para se prevenir da Covid-19.

“Chega um tempo que você perde a paciência depois de tanto explicar, com argumentos técnicos. A gente fala que não existe tratamento preventivo para o vírus e que a vacina é a única forma de salvar vidas. Além do mais, a maneira como o senador se dirigiu de forma grosseira precisava de uma resposta”, pontuou.

CPI PROPOSITIVA

Otto explicou que a CPI tem buscado uma postura propositiva para ajudar o governo brasileiro a adquirir vacinas contra o coronavírus, mas também tem buscado esclarecer situações como a exposta pelo ex-ministro Luiz Henrique Mandetta. “Ele [Mandetta] falou que queriam que alterasse a bula da hidroxiquina pra dizer que serve pra Covid-19. Isso é muito grave”, pontuou.

Recentemente, o presidente da Anvisa, Barra Tores, confirmou a tentativa do Planalto de alterar a bula do remédio.

GRITO CONTRA A CIÊNCIA

O político baiano também comentou as declarações do presidente Bolsonaro contra a China, quando este insinuou que o vírus teria sido propositadamente criado em laboratório para atender interesses econômicos.

“Ele perde o controle da palavra e fala um monte de bobagem. Está atacando um parceiro comercial que é vital para as commodities brasileiras. Vamos ficar com a soja sem comprador no mercado. Não é o grito do capitão que vai resolver a ciência”, disse.

ENTREVISTAS



METROPOLE

NOS MOMENTOS DIFÍCEIS É QUE TEMOS CERTEZA: AQUI TEM GOVERNO QUE CUIDA DE GENTE.

Cuidando da Saúde:

- Um dos estados mais rápidos na vacinação
- 1000 novos leitos dedicados ao covid abertos em 2021
 - 9 novos hospitais pelo Estado
 - 16 Policlínicas entregues e 9 em construção

Cuidando do Emprego e da Economia:

- Ampliação do Metrô Salvador - Lauro de Freitas
 - Ponte Salvador-Itaparica
 - VLT do Subúrbio Ferroviário
- Pontes Ilhéus-Pontal e Barra-Xique-Xique
- Nova Rodoviária de Salvador
- Mais de 7 mil km de estradas novas ou recuperadas

Estado Solidário:

- Vale-Alimentação de 55 reais para 800 mil estudantes
- Bolsa-presença de 150 reais para 257 mil famílias
- Pagamento da conta de água para 860 mil baianos
- Prorrogação do ICMS para 60 mil comerciantes
- Crédito especial para 25 mil microempreendedores
- 6 mil vagas de cursos com bolsas de 120 reais



O Governo do Estado está enfrentando a pandemia e a crise nacional trabalhando firme para cuidar dos baianos. São ações em todos os setores, por toda a Bahia: abertura de novos leitos, lançamento de grandes obras e a implantação do Estado Solidário, o maior programa de auxílio do país. Porque na Bahia é assim: aqui tem Governo que cuida de gente.


**GOVERNO
DO ESTADO**
BAHIA *meu* ORGULHO